

Psicanálise aplicada: A inserção do discurso psicanalítico nos espaços públicos

Pensar a presença da psicanálise nos espaços públicos, nos remete, primeiramente, à distinção entre espaço público e o espaço privado. Podemos nos perguntar se o espaço público se encontra em oposição ao espaço privado. Espaço não é apenas território geográfico. Quando nos remetemos ao espaço público, ele é antes de tudo um espaço simbólico.

Politicamente falando, o conceito entre público e privado está em permanente mutação e podemos dizer que é a natureza do interesse que influencia e constitui a quantidade de indivíduos presentes nos espaços públicos e nos privados.

Segundo Roberto da Matta, antropólogo brasileiro, a dimensão do espaço público é reflexo de algo mais amplo, presente no inconsciente e na prática social dos brasileiros, gerando relação conflitiva entre o público e o privado, e esta questão o levou a fazer uma análise de entrelaçamento e complementariedade entre esses dois espaços. (1)

Em relação à psicanálise, esta, se ocupa do sujeito, que apesar de ser único, singular, se constitui através da relação com um Outro, imerso na linguagem e na cultura. Não podemos dizer que existe uma delimitação topológica, interior e exterior se comunicam.

A presença da psicanálise nos diversos espaços remonta, também, à distinção entre o espaço público e o interesse público. Nem tudo que pertence ao espaço público pertence ao Estado, assim como nem tudo que pertence ao interesse das empresas e das famílias pertence ao espaço privado. Há coisas, bens que pertencem ao espaço público e que são do interesse privado, como também, bens que pertencem ao espaço privado e que são do interesse público, sem que a relação automática entre público-gratuito e privado-pago se efetue.

Atualmente, muitos psicanalistas tem repensado seu espaço de atuação, não somente a partir da demanda, como também da necessidade de um psicanalista em diversos espaços, como instituições de saúde, escolas, abrigos, judiciário, na rua, clínicas para tratamento gratuito, etc

Importante que se abra para uma discussão sobre a posição ética do psicanalista diante da subjetividade desses espaços em que ele atua, nas quais a interlocução com profissionais de outras áreas, muitas vezes, se faz necessário. A presença do psicanalista não fica sem consequências a partir da interlocução com os demais campos de saber, pois é o modo pelo qual ele responde (ou não) às demandas a ele dirigidas, sustentando as diferenças discursivas, que possibilita (ou não) a realização e os efeitos de seu trabalho.

Como manter a especificidade nesses espaços, junto à certas práticas, muitas vezes, regidas por um saber universal?

A participação de psicanalistas, seja no trabalho clínico, seja no trabalho com as equipes multiprofissionais, não tem como objetivo um ideal social, pacificação ou adaptação dos indivíduos. Sua função é propiciar um espaço vazio que possa abrir para invenções surgidas do sujeito atendido ou dos próprios profissionais.

Importante, que nas instituições, se promova um giro que possibilite uma mudança do discurso presente, ideal e dominante, para um discurso que escute o sujeito em sua singularidade e seu saber.

(1) DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

A psicanálise pura e a psicanálise aplicada

Com Sigmund Freud, inaugurou-se a palavra que permite o acesso, por parte do homem, ao desconhecido em si mesmo. A situação analítica é uma situação de comunicação, onde demandas são feitas e necessitam ser acolhidas. Trata-se de uma prática da fala entre o analista e o analisante. Enquanto este fala de seu sofrimento, do seu sintoma, o analista interpreta, levando o analisante a se deparar com esse desconhecido que o habita, seu inconsciente, com suas diversas formas de manifestação, como sonhos, lapsos, chistes, atos falhos e seu próprio sintoma.

Freud ao se defrontar com o sofrimento, nos deixa claro que a psicanálise tem algo a oferecer: a escuta a um corpo que fala. Trata-se de uma escuta diferenciada que permitiu, a ele, construir tanto um novo conhecimento quanto um método terapêutico.

Ao introduzir o conceito de inconsciente, Freud desloca a fala para além da intenção apenas de comunicar conscientemente algo: ao falar, o sujeito comunica muito mais do que aquilo a que inicialmente se propôs. E assim abre-se na palavra a dimensão do que escapa ao próprio enunciante. Ao paciente cabe comunicar tudo o que lhe ocorre, mesmo o que lhe pareça insignificante, vergonhoso ou doloroso, enquanto que ao analista cabe escutar o paciente sem privilegiar qualquer elemento de sua fala.

Quando alguém endereça sua fala a um analista, atribui a ele sentimentos, expectativas, numa tentativa de recuperar algo perdido, que fundamenta ao que chamamos *transferência*, mola mestra que permite que o tratamento aconteça e que algo do real seja colocado em jogo. Ao analista não cabe se identificar com nenhum dos papéis propostos pelo analisante nem com um ideal da sociedade. Sua posição é de ser causa do desejo, ou seja, sustentar um vazio diante da demanda do outro, para que o desejo desse outro possa advir. Isto não justifica que o analista se coloque numa posição de passividade. É o desejo do analista que direciona a análise para além da demanda.

Importante salientar que a duração do tratamento e o desenvolvimento das sessões não podem ser standartizados. O tratamento tem que ser ajustado caso a caso e levando em consideração o espaço em que ele acontece.

Segundo Éric Laurent (2000), importante “formar analistas que possam dedicar-se ao objetivo, não o de oferecer a cura analítica para todos, mas sim poder situar-se em um lugar de um uso possível para todos”
(2)

A psicanálise aplicada não está relacionada a um lugar geográfico, trata-se de um método que possibilita o estabelecimento de um modo específico de relação com o sofrimento, ali onde um profissional escuta o outro, com vistas a tratá-lo – o que nem sempre é a mesma coisa de curá-lo. Tem como desafio convidar o sujeito a ocupar o lugar de autor na trama de suas decisões, sujeito capaz de se engajar em sua história e em seus espaços sociais. Ao se dispor a escutar esse outro, fazemos com que este se interesse pela própria fala, transformando, muitas vezes uma fala vazia, uma falação, um bla, bla, bla em uma fala no qual o sujeito se implica.

(2) LAURENT, E.(2000). Psicoanálisis y salud mental. Buenos Aires: Editorial Tres Haches. P.58

Jacques-Alain Miller propõe uma saída possível para a psicanálise sob uma perspectiva que ele nomeia como “disjunção entre a psicanálise e o psicanalista”. “cabe ao analista se fazer presente, se dispondo ao uso que fizerem dele, deslocando-se, assim, a ênfase do dispositivo psicanalítico para os usos possíveis do objeto-psicanalista”, se prestando a usos muito distintos daquele que foi concebido sob o termo de psicanálise pura. Esta é mais do que um dos usos aos quais o psicanalista se presta” (3)

A distinção entre a psicanálise aplicada e psicanálise pura foi considerada por Lacan, em seu “Ato de fundação” da Escola Francesa de Psicanálise, em 21 de junho de 1964. Ainda que as duas modalidades da psicanálise sejam, a princípio distintas, é importante sublinhar que ambas fazem parte da formação do analista e da causa analítica. (4)

A psicanálise aplicada como prática viabiliza sua inserção em instituições, sem confundi-la no variado campo das psicoterapias. O último ensino de Lacan, tal como podemos percebê-lo e utilizá-lo em nossa orientação atual, aumenta a distância que separa a psicanálise da psicoterapia.

O apagamento progressivo da fronteira entre psicanálise pura e aplicada se deve à reelaboração do conceito de sintoma. O *sinthoma* designa, portanto, "a investitura libidinal da articulação significativa no corpo" (3). Logo, a terapêutica no campo da psicanálise aplicada jamais pode desconsiderar a dimensão do gozo do sintoma, sustentada pela fantasia. Isto lhe é próprio e a distingue das demais terapêuticas. “É preciso que haja sintoma analítico e que haja sofrimento do sintoma, que este gozo do sintoma se apresente como desprazer”. (3)

Trata-se, assim, da possibilidade de a psicanálise situar-se entre outras práticas e discursos, sem que seus princípios sejam esquecidos. Importante acrescentar que, apesar da ênfase na terapêutica, a psicanálise aplicada mantém a mesma exigência do rigor na formação do psicanalista, presente na psicanálise pura, onde o campo da técnica está subordinado à dimensão ética. Esta é regida, segundo Lacan, por um tripé, constituído pelo estudo teórico, supervisão clínica e análise pessoal.

Quando se fala da dimensão ética, estamos nos referindo ao ato psicanalítico, seja a psicanálise pura ou aplicada.

A partir disso, podem ver situadas as diferenças que a psicanálise aplicada estabelece em relação às psicoterapias, tão em voga na atualidade. Estas últimas têm em vista uma meta adaptativa. A singularidade do sujeito desaparece por trás do critério normativo de cura, que se baseia na estatística e nos protocolos, produzindo uma padronização, patologização e medicalização generalizada do sofrimento.

Segundo Marie-Helene Brousse, é a partir dos sintomas que os sujeitos se ordenam nas instituições cada vez mais segregativas: instituições especializadas nos problemas alimentares, terapias específicas das fobias, acolhimento para vítimas, etc. Esta homogeneização, massificação do sintoma, produz uma segregação dos sujeitos dessas comunidades sintomáticas, onde o isolamento se realiza em grupo. Para Brousse, a psicanálise aplicada é uma aposta decidida por parte dos psicanalistas na capacidade do discurso analítico em proporcionar um novo laço social, bem como uma colocação à prova dos princípios da psicanálise e da formação do psicanalista. (6)

(3) MILLER, J.-A. (1999). As contra-indicações ao tratamento analítico. *Opção Lacaniana*, 25, 52-55

(4) LACAN, J. (1964/2003). Ato de fundação. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

(5) MILLER, J.A. (2008/2011). Sutilezas Analíticas. Buenos Aires. Paidós. p.93

(6) Brousse, M.-H. (2007a). Em direção a uma nova clínica psicanalítica. *Latusa digital*, 30, 1-9

Concluindo, a psicanálise aplicada não é o lugar da aplicação de um saber teórico, mas é o lugar de sua produção.

Ana Maria Ferreira da Silva